Reverbera Educação e Chácara Mato Preto

apresentam

PORTFÓLIO PRIMAVERA

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Campo Largo, 27/11/2021

PORTFÓLIO DO INVERNO

1. **De onde partimos:**

PROGRAMA

Uma parceria começa com a identificação de propósitos semelhantes. Foi assim com o Reverbera Educação e a Chácara Mato Preto. As duas iniciativas querem aguçar o olhar das pessoas para a natureza, seja de forma abrangente, pensando na sustentabilidade, seja de forma a inserir a natureza no dia-a-dia das crianças, pela pedagogia do contexto.

Dessa parceira surgiu a ideia de criar um espaço para dialogar e refletir sobre aprendizagem voltada à sustentabilidade e à natureza. Um momento para conversar sobre práticas e formas de aproximação com os temas; como inserir no cotidiano o olhar do meio ambiente; o cuidar da natureza; o engajamento com os objetivos do desenvolvimento sustentável; e como passar isso para as crianças. O projeto Experiências de Aprendizagem surge com essa finalidade.

A proposta consiste em encontros de um dia, sempre aos sábados, e realizados na Chácara Mato Preto. Eles oferecerão práticas voltadas ao fazer manual e intelectual da aprendizagem tendo como ponto focal a sustentabilidade e a natureza. Serão espaços de troca e vivências que trarão sentido para essa nova abordagem que é tão urgente nos dias atuais. As práticas foram escolhidas pensando no Modelo cabeça, coração e mãos para aprendizagem transformacional (desenvolvido na Universidade de British Columbia – Canadá), que equilibra os domínios cognitivo, psicomotor e afetivo.

Os encontros são indicados a profissionais da educação e educadores que queiram nutrir e compartilhar seus conhecimentos sobre o tema. Todos os encontros serão certificados pela Chácara Mato Preto e Reverbera Educação.

Convidamos vocês a participarem deste projeto que pretende não só afinar o olhar para problemáticas complexas, como também iniciar uma comunidade de pessoas engajadas, dispostas a colaborar umas com as outras para a melhoria da educação.

Seguindo com os encontros de Experiências de Aprendizagem, abordamos (como nos próximos dois encontros) o modelo cabeça, coração e mãos de aprendizagem transformadora para construir o cronograma da jornada.

Cronograma do dia (das 8h30 às 17h30)

1. **Boas-vindas**
2. **Prática coração:** acolhimento e integração
3. **Prática da cabeça**: reflexão sobre o papel da escola
4. **Prática das mãos:** macramê

   Pausa para o almoço – cada um leva o seu

5. **Prática do coração**: brincadeira para energizar
6. **Prática da cabeça:** quatro pilares da educação e percurso da aprendizagem
7. **Prática das mãos:** labirinto
8. **Prática do coração:** mapa biorregião
9. **Prática do coração cabeça e mãos de fechamento:** Tumiaki (gratidão)

Relembrando o Modelo cabeça, coração e mãos:

O modelo mostra a natureza holística da experiência transformativa e relaciona o domínio cognitivo (cabeça) à reflexão crítica, o domínio afetivo (coração) ao conhecimento relacional e o domínio psicomotor (mãos) ao engajamento.

Ele foi conceituado a partir de uma síntese de diversos temas de estudo como: educação sustentável, teorias de aprendizagem transformativa, aprendizagem baseada em locais, abordagens de aprendizagem indígenas, aprendizagem experiencial, eco alfabetização, entre outras.

Este modelo não apenas representa a natureza multidimensional dos processos transformativos, mas inclui a importância do contexto de aprendizagem. O contexto do lugar fornece uma estrutura de experiência autêntica para uma reflexão mais profunda, senso de pertencimento e estimulação corporal e sensorial que atua como um catalisador para um envolvimento necessário para a transformação.

Acredita-se que o Modelo Cabeça, Coração e Mãos da Aprendizagem Transformativa pode ser um princípio organizador para integrar e transformar as perspectivas pedagógicas para a educação para a sustentabilidade.

Relembrando a Pedagogia de Contexto:

A Pedagogia de Contexto nasceu há 15 anos junto com uma pergunta extremamente pertinente para os dias atuais: O que as crianças precisam para se desenvolver integralmente?

Elaborar uma pergunta abraça a área da pedagogia como ciência da educação e impulsiona a construção de um percurso autoral que acolhe os sujeitos envolvidos nas relações educacionais. A Pedagogia de Contexto parte sempre de uma pergunta para aguçar o pensar filosófico ou intuitivo. Elaborar uma questão é uma estratégia pedagógica que mobiliza mudanças internas nos adultos envolvidos e constitui um ambiente propício para elaboração de estratégias que olham para o todo da comunidade local.

Esta abordagem estrutura as relações teóricas para constituir um espaço denominado por Quintal, onde as práticas de acolhimento e as aprendizagens genuínas das crianças, jovens e/ou adultos perpassam por experiências na natureza. E efetivamente a natureza é vista como a mestra das observações, sensações e descobertas, onde a missão de um Quintal que olha o desenvolvimento integral do sujeito a partir da Pedagogia de Contexto se depara com a vontade de aceitar, reconhecer e celebrar que a natureza habita dentro de cada um.

Um quintal que abraça uma casa, precisa de crianças e adultos para fazer dele um lugar de aprendizagens e construção de linguagens. A convivência imprime diferentes perspectivas de se olhar para o entorno e se colocar diante da realidade. As crianças carregam uma potência cósmica que anuncia o novo e convidam os adultos a formarem uma comunidade para que juntos desvendem o que está por vir.

Um Quintal é feito de ideias e pessoas que fazem perguntas. As parcerias fomentam iniciativas que movimentam a abertura de novas janelas e nos levam a olhar mais para o entorno e para a natureza do outro, a natureza da vida e da educação.

Na Chácara Mato Preto habita um quintal, o Quintal Nossa Casa e junto com o Reverbera Educação convidam as "cabeças, os corações e as mãos" para compor as **Experiências de aprendizagem.**

2. E começamos:

Aos 27 dias do mês de novembro de 2021, se reuniram no Quintal Nossa Casa da Chácara Mato Preto junto com a Maira e a Sil:

Andréa	Claudemir	Danielle	Débora
Juliana	Cidinha	Marisol	Patrícia
Silvia	Vanessa	Vanessa	Vania
Leia			

Prática do coração de acolhimento

Foram recebidos com a prática do coração de acolhimento e inspiração com a presença do amigo e terapeuta vibracional Daniel Cruz que fez a caminhada tocando tambor e encantando. O banho de floresta foi especial. Depois ele tocou para todo mundo em roda e nos recolhemos no silêncio do reconhecimento.

Prática da Cabeça:

No reino do coração arco-íris (pomar da Mato Preto), tivemos um momento reflexivo sobre o papel da escola. Conversamos sobre porque mandamos nossas crianças para a escola e ao nosso ver qual é o seu papel. Conversamos sobre o formato da escola hoje, no passado e o que pensamos para o futuro.

Qual a importância da escola?

Precisamos dela para aprender a viver, a conviver em sociedade, aprender a cultura local, a pertencer, a conviver, a ser.

Nossa educação fornece instrumentos para se viver em sociedade (ler, escrever, calcular), oferece elementos (infelizmente separados) de uma cultura geral (ciências da natureza, ciências humanas, literatura, artes), destina-se a preparar ou fornecer uma educação profissional, ela sofre de uma carência enorme quando se trata da necessidade de viver: errar e se iludir o menos possível, reconhecer fontes e causas dos nossos erros e ilusões e procurar em qualquer ocasião um conhecimento o mais pertinente possível.

Políticos e empresários tentam impor às instituições de ensino critérios de eficácia, rentabilidade e competitividade ao sistema educacional. Assim, o quantitativo vai eliminando o qualitativo. É preciso, então, resistir a pressão do pensamento econocrático e tecnocrático e tornar-se defensor e promotor da cultura, o que exige que se ultrapasse a disjunção (separação) entre ciências e humanidades.

Em um circuito ininterrupto, conhecer implica em separar para analisar e religar para sintetizar ou complexificar. Separatista, a prevalência disciplinar nos faz perder a aptidão para religar, a aptidão para contextualizar, ou seja, para situar uma informação ou um saber em seu contexto natural. Isso não quer dizer que se deve anular as

capacidades analíticas ou separatistas, mas acrescentar a elas um pensamento que religa.

Ensinamos nossas crianças a conhecer os objetos separando-os, isolando-os, mas é necessário também recoloca-los em seu meio para conhece-los, ensinar eu um ser vivo só pode ser conhecido em sua relação com o seu meio, de onde extrai energia, onde vive para entender como vive.

Nesse sentido, o educador é visto como um regente de orquestra que permite considerar, criticar, organizar os conhecimentos. É ele que ensina as armadilhas do erro, da ilusão, do conhecimento redutor ou mutilado; é ele também que ensina a compreensão humana, que encoraja, estimula. Não é ele mais que prioritariamente distribui o saber aos estudantes. Uma vez definido o tema, cabe ao aluno pesquisar em diversas fontes e apresentar; ao professor cabe a regência da orquestra, corrigir, comentar, apreciar a contribuição, para chegar, por meio do diálogo com os estudantes, a uma síntese reflexiva do tema abordado.

De acordo com Morin, precisamos aprender a aprender, a mesmo tempo separando e religando, analisando e sintetizando:

- Considerar os objetos não mais como coisas fechadas em si mesmos, mas como sistemas que se comunicam entre eles e com o meio circundante;
- Ultrapassar a causalidade linear "causa e efeito" para apreender a causalidade mútua, inter-relacional, circular (retroativa, recursiva), as incertezas da causalidade (porque muitas vezes as mesmas causas não produzem sempre os mesmos efeitos e causas diferentes podem produzir os mesmos efeitos.

Para que a mudança de atitude mental se forme, os educadores deveriam ser iniciados nas ciências de um novo tipo que são: **ecologia, ciências da terra e cosmologia.**

A **ecologia** reestabelece a relação entre natureza/ cultura, humanidade/animalidade. Essa ciência ajuda a aprender o pensamento sistêmico porque sua base é transdisciplinar, inclui: geografia, geologia, física, botânica, zoologia, ciências humanas, entre outras. Ela permite ligar de maneira efetiva várias disciplinas e, por intermédio dessa religação, permite considerar os problemas vitais e urgentes das relações entre ser humano e natureza, por exemplo.

As **Ciências da Terra** englobam assuntos como geografia, sismologia, meteorologia, geologia e são religados no estudo da história e da vida na terra.

A **Cosmologia** tenta responder ao questionamento a respeito da origem do universo. Podemos fazer com que a criança compreenda que somos parte desse universo, que somos constituídos das mesmas partículas que muitos outros corpos celestes, que nosso sistema solar é minúsculo comparado ao universo e que o nosso planeta, dentre bilhões de outros, é o nosso lar.

É desejável que a escola venha a incrementar, cada vez mais, o gosto e prazer de aprender, a capacidade de aprender a aprender, além da curiosidade intelectual. Podemos, inclusive, imaginar uma sociedade em que cada um seja, alternadamente, professor e aluno. (Jacques Delors)

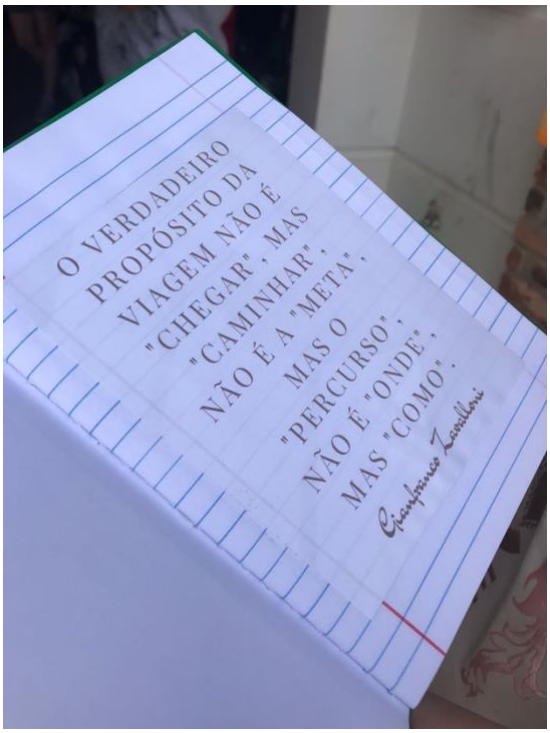
Texto baseado no livro de Edgar Morin – Ensinar a viver

Prática das mãos - Macramê

Na volta ao ateliê fomos recolhendo galhos para ser a base do nosso macramê. Chegando lá, todo aprenderam a fazer folhas e ficou uma mais linda que a outra.

Momento inspiração

Demos um pequeno intervalo nas práticas para um momento de inspiração e gratidão. A Ju presenteou a todos com um lindo texto sobre passeio, um caderno e uma caneta para servir como um diário, colocarmos nele nossos pensamentos e acontecimentos.



Pausa merecida para o almoço com a declamação do verso das mãos de agradecimento. Um almoço delicioso, feito em conjunto, cada um contribuiu um pouquinho.

"Mãos que atuam e fazem o bem,
mãos que trabalham e não se detêm,
mãos amorosas que os fracos amparam,
mãos que rezam e sempre rezaram,
mãos que se elevam num gesto profundo,
é dessas mãos que precisa o mundo."
Rudolf Steiner

Prática do coração: brincadeira para energizar

Depois do almoço fizemos uma brincadeira em roda do Chep Chep:
“Eu fui pra Nova Iorque visitar a minha tia, e ela me ensinou a Dançar o Chep Chep..."

Prática da Cabeça: quatro pilares da educação e percurso da aprendizagem

Sentamos perto do gigante para mais um momento de trocas e aprendizagem, conversamos um pouco mais sobre educação.

Olhando ainda para o século XIX, enquanto a Europa destacava as ideias de liberdade, o Brasil foi agraciado pela família real na figura de João com livros que formaram a Real Biblioteca e criação da Imprensa Régia (1808). Trazendo constatação como um modo estratégico da construção do perfil do orientador, na educação europeia o adulto mais escolhido para cuidar da educação do indivíduo era representado por tutor ou preceptor e no Brasil, os jesuítas assumiam tal papel levando a formação do indivíduo pelo viés da fé. Segundo Paiva (2000, p.43) “ o colégio e a universidade, nesse tempo, eram destinados a pouca gente”, e a há de se buscar na história portuguesa o seu desdobramento em terras brasileiras o lugar que a escola ocupou na organização social. O lugar que a escola ocupa na organização social ainda merece muita atenção e ajustes das funções pedagógicas dentro da instituição educacional a sofrem os efeitos sobre a formação do ser brasileiro e do sistema educacional.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e

desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (Durkheim, 1978, p. 41)

A educação ocupou o lugar da sistematização das ciências. A verdade a ser destacada parte do princípio que a educação revela concepções, porém com a mesma força transforma e acolhe as mudanças sociais como fogo brando e sereno que arde dentro do ser humano.

Assim, as mudanças sociais que envolvem princípios e crenças exigem que orientador se coloque como sujeito do contexto, compreendendo as questões histórias, sociais, econômicas, políticas e culturais do mundo onde vive. As ciências sociais são ferramentas que convidam o sujeito a entrar num processo de rever-se, de tomar distância e olhar-se pelo espelho.

Quando Emilie Durkheim cita que a educação consiste em uma socialização metódica das novas gerações, significa que a geração mais experiente se responsabilize pelas mais nova. Portanto, orientar vai além da necessidade social, abarcando a necessidade biológica para mostrar a caminho a seguir.

Como disparador formativo, citar a formação humana é um desafio cercado de subjetividades, porém as evidencias no trabalho educacional não são coincidências, mas acontece pela relação do sujeito com o meio e as subjetividades da experiência. O ponto promissor é que o campo das ciências postula nos princípios e métodos do saber científico, onde as teorias e práticas afirmam a necessidade das crenças e valores para constituir o ser social de cada época.

Diante das verdades absolutas, as ditas convenções escolares, cada instituição desenvolve uma estrutura altamente complexas deparamos com a realidade escolar. As relações que dosam as construções de novos saberes estão intimamente ligadas ao capital cultural que cada profissional acumula, não sendo diferente com orientador educacional. Quando orientar significa ser o sujeito mais experiente dentro da escola, sugere que qualidade de ensino da nação brasileira depende muito, ainda deste capital cultural pessoal para construir outras pontes. Ninguém dá o que não tem, portanto todo adulto que é convidado a refletir sobre suas ações e como pensa diante do sujeito em formação, pois a tendência será repetir aquilo recebeu.

O surgimento de um novo modo de vida, influenciado pela indústria, deriva novas práticas educativas, formularam novas perspectivas para a organização escolar brasileira. As tendências trazidas das ciências sociais e a constituição das leis estruturam a formação dos profissionais e modelo educacional.

Olhar para a história, do ponto de vista reflexivo, aponta que o caminho para a mudança e muitas vezes se encontram nas palavras que sustentam verdades que não representam a realidade educacional e as descobertas genuínas que brotam nas escolas

brasileiras perturbam demais o obsoleto sistema de ensino. O papel do profissional da educação tramita entre a centralidade no ensino e na formação profissional do sujeito.

Neste sentido, cabe muito bem trazer Paulo Freire: “quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”. Vale o convite para aprendermos a ler o mundo. As trocas e discussões precisam nutrir as ações que validam o discurso. A verdade sentido, dita e executada oportunizam a construção da autonomia, do pensamento critico e a consciência do inacabado.

A busca por valores abertos a novas experimentações imprime a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar a alma. As escolhas sustentáveis e orgânicas impulsionam a transformação das intempéries do cotidiano em ações positivas, através do bom humor e da leveza no agir.

Também conversamos um pouco sobre os quatro pilares da educação:

Para Delors e a comissão da UNESCO, A educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser – apresentado no relatório da ONU da década de 90 .

Em primeiro lugar, **Aprender a conhecer.** Mas, considerando as rápidas alterações suscitadas pelo progresso científico e as novas formas de atividade econômica e social, é inevitável conciliar uma **cultura geral, suficientemente ampla, com a possibilidade de estudar, em profundidade, um reduzido número de assuntos.** Essa cultura geral constitui, de algum modo, o passaporte para uma educação permanente, à medida que fornece o gosto, assim como as bases, para aprender ao longo da vida.

A seguir, **Aprender a fazer**, a fim de adquirir não só uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais abrangente, a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Além disso, aprender a fazer no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho, oferecidas aos jovens e adolescentes, seja espontaneamente na sequência do contexto local ou nacional, seja formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.

Acima de tudo, **Aprender a ser**: não deixar inexplorado nenhum dos talentos que, à semelhança de tesouros, estão soterrados no interior de cada ser humano. Sem sermos exaustivos, podemos citar a memória, o raciocínio, a imaginação, as capacidades físicas, o sentido estético, a facilidade de comunicar-se com os outros, o carisma natural de cada um... Eis o que confirma a necessidade de maior compreensão de si mesmo. Aprender a ser, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.

E o pilar de maior relevância para a educação: trata-se de **Aprender a conviver**, desenvolvendo o conhecimento a respeito dos outros, de sua história, tradições e

espiritualidade. E a partir daí, criar um novo espírito que, graças precisamente a essa percepção de nossa crescente interdependência, graças a uma análise compartilhada dos riscos e desafios do futuro, conduza à realização de projetos comuns ou, então, a uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos. Aprender a conviver, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
Link para o material: Educação, um tesouro a descobrir
http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf

Nenhum bem comum simplesmente existe por conta própria. Um bem comum precisa ser nutrido, às vezes protegido. Por isso Noa Sobe, em 2021, fez uma releitura sobre os os "quatro pilares" de Delors em torno dos bens comuns. O retrabalho de cada um desses pilares em relação à capacitação para ações comuns e ao fortalecimento do bem comum oferece uma bússola e um mapa adequados para os desafios coletivos de nossa atual conjuntura histórica.

Aprendendo a estudar, inquirir e co-construir juntos

Dentro de um enquadramento comum, a **aquisição de conhecimento precisa ser reformulada para não simplesmente capacitar os indivíduos, mas sim como conectar os indivíduos uns aos outros e intergeracionalmente aos recursos de conhecimento comum da humanidade.** Um paradigma comum requer atenção às maneiras coletivas de acesso, uso e criação do conhecimento. **O pilar de conhecimento que apoia a educação precisaria então ser orientado no sentido de aprender a estudar, investigar e co-construir juntos.** Esta revisão destacaria as dimensões sociais da aprendizagem, bem como as dimensões diversas e em rede do conhecimento. **O retrabalho do pilar "aprender a saber" dessa forma apontaria os educadores para abordagens pedagógicas construtivistas e para ver seus alunos como comunidades de aprendizagem.** Isso destacaria o conhecimento comum como um recurso intergeracional e uma conversação que foi construída e nutrida ao longo de milênios.

Aprendendo a mobilizar coletivamente

A discussão da Comissão Delors sobre "aprender a fazer" limitou-se quase exclusivamente à questão de colocar o aprendizado em prática no local de trabalho. Um enquadramento comum iria reformular isso em termos de habilidades e competências que permitem a ação coletiva. A capacidade de colaboração assim colocada em primeiro plano seria valiosa no mundo do trabalho e muito mais. **O pilar do fazer que apoia a educação precisaria ser orientado para aprender a se mobilizar coletivamente. Concentrar esforços educacionais em capacitar os alunos a agirem juntos mostra a importância da deliberação, da comunicação intercultural e da construção de coalizões.**

Aprendendo a viver em um mundo comum

Definir “aprender a conviver” como um pilar fundamental coloca a educação no caminho certo. À medida que as rupturas do COVID se desdobram, a humanidade tem sido lembrada de como estamos intimamente ligados uns aos outros biológica, política e socialmente. (Embora às vezes este último tenha se manifestado dolorosamente por meio de sua ausência e adiamento.) Embora “juntos” seja um conceito robusto, não podemos permitir que signifique apenas uma coexistência pacífica de “viver com outros”. **Tolerar e respeitar os direitos dos outros e os modos de ser dos outros é um primeiro passo. Mas, o desafio para os humanos que vivem no planeta Terra em 2021 é criar formas saudáveis e sustentáveis de convivência: uns com os outros e com o planeta.** Orientar este pilar para aprender a viver em um mundo comum eleva a importância de uma educação que se comprometa com nossa humanidade comum e com o mundo natural do qual fazemos parte. Essa mudança nos permite remodelar a vida em comum como uma experiência interligada e fundamentalmente compartilhada.

Aprendendo a atender e cuidar

Quando a Comissão Delors apresentou "aprender a ser", ela colocou grande ênfase no desenvolvimento da personalidade e ser capaz de agir com independência, julgamento e responsabilidade pessoal**. O papel da educação em apoiar as pessoas na liberdade de pensamento, pensamento crítico e a realização de seus próprios propósitos escolhidos não deve ser esquecido. Ao mesmo tempo, vimos os perigos insidiosos do individualismo aquisitivo e da empatia diminuída que aparecem quando a autonomia vem inteiramente às custas de uma compreensão da relacionalidade. Aplicando um enquadramento comum ao pilar da educação que enfatiza o desenvolvimento da pessoa completa, faríamos bem em pensar em termos de aprender a atender e cuidar. Isso implicaria a compreensão de nós mesmos como pessoas que são simultaneamente capazes e vulneráveis. Isso nos forçaria a refletir sobre como afetamos e somos afetados pelos outros e pelo mundo.** Isso exigiria que os educadores concentrassem seu trabalho nos direitos e responsabilidades que influenciam nossos relacionamentos e interdependências. Considerar este um dos pilares fundamentais da educação colocaria nossas relações uns com os outros e com um mundo mais do que humano no centro da prática educacional.

Link: Reformulando os quatro pilares da educação para sustentar os bens comuns https://en.unesco.org/futuresofeducation/ideas-lab/sobe-reworking-four-pillars-education-sustain-commons

Prática das mãos: labirinto

Depois da conversa sobre aprendizagem e os pilares e antes de descer até o lago, conversamos um pouco sobre multi, inter e transdisciplinaridade:

- **Multidisciplinaridade – Cada um no seu quadrado**

A multidisciplinaridade ocorre quando há mais de uma área de conhecimento em um determinando projeto ou propósito, mas cada uma destas disciplinas mantém seus métodos e teorias em perspectiva. Serve para resolver problemas imediatos e não possui foco na articulação e nos ganhos colaborativos.

- Interdisciplinaridade – Com o mesmo propósito

Neste caso, mais de uma disciplina se une em um projeto comum, com um planejamento que as relacione. Durante o processo, estas áreas trocam conhecimentos e enriquece ainda mais as possibilidades. É necessário que haja um problema maior a ser resolvido e que cada disciplina, consciente de sua limitação para atender a esse desafio, se reúna com outras disciplinas a fim de construir mais compreensão do fenômeno em análise. Como resultado, há um novo saber, menos fragmentado e mais dinâmico.

- Transdisciplinaridade – Conhecimento sem fronteiras disciplinares

O primeiro pensador a falar em transdisciplinaridade foi Jean Piaget (1896-1980). Trata-se de um nível bem superior e complexo de integração contínua e ininterrupta dos conhecimentos tal como conhecemos hoje. Neste caso, não há mais disciplinas segmentadas, mas o propósito da vida e do conhecimento é a relação complexa dos diversos saberes sendo que nenhum é mais importante que o outro. É um processo dialógico onde as relações disciplinares não estão mais em foco, não são mais importantes.

A transdisciplinaridade envolve aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda e qualquer disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo atual, para a qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Entendido os conceitos, fomos até perto do lago para a nossa prática do labirinto, demonstrar com fios de lã como se dá a multi, inter e transdisciplinaridade.

Prática do coração: mapa da biorregião – mapa da escola ou da casa - representando os pontos cardeais, percurso do sol, curso d'água, da onde vem a chuva e o vento, animais, plantas – consciência sobre entorno, quanta coisa tem para observar e aprender.

Prática do coração, cabeça e mãos – Tumiaki (gratidão em tupi guarani).
Dança em roda batendo o pé: https://www.youtube.com/watch?v=XKlTB5LyHLM

Esperamos que esse tenha sido um encontro inspirador e transformador, uma sementinha plantada nas cabeças, corações e mãos.

Esperamos vê-los em 2022!!

Sil e Maíra